

1

INTRODUÇÃO

“O Sarah”: entre memórias de uma instituição e a instituição dessas memórias (1957-1978)

1.1

A elaboração do tema

Os relojoeiros têm em comum com os historiadores a curiosidade a respeito do que ocorre por trás de mostradores e ponteiros. Enquanto os primeiros se interessam pela maquinaria que move os ponteiros que marcarão os minutos e as horas, os segundos se empenham em investigar outras engrenagens: as que fornecem elementos para compreender a lógica do tempo.

Margarida Neves (1995, p.20)

Ao iniciar este estudo acredito ser interessante trazer à tona parte do processo que permitiu que meu tema fosse delineado e que **“engrenagens”** suscitaram meu interesse. Situado no campo da História da Educação Brasileira e adotando como referência a linha de pesquisa História das Instituições Escolares. O presente texto guarda intensa relação com as pesquisas encetadas nos anos de 2006 e 2007 para elaboração de minha dissertação de mestrado intitulada “Somos semeadores: estratégias identitárias na escola Normal Sarah Kubitscheck 1963-1965.”

Ao ingressar no mestrado do Programa de Pós Graduação da Universidade Federal do Rio de Janeiro(UFRJ) considerei, de certa forma, natural que minha dissertação abarcasse temas ligados a minha própria história pessoal. Durante 13 (treze) anos eu exerci a função de professor II (primeiro segmento do ensino fundamental) na rede pública da cidade do Rio de Janeiro. Na infância e adolescência fui moradora da zona Oeste carioca e mesmo não tendo estudado no Instituto de Educação Sarah Kubitscheck, minha mãe, tias e primas o foram, além disso ao ser aprovada no concurso público de ingresso para a rede pública, a primeira escola na qual trabalhei, situava-se naquela região.

Minha primeira diretora, coordenadora e colegas de trabalho eram egressas da instituição. Posso dizer que sempre que o assunto vinha à baila percebia-se uma espécie de senso comum em torno da importância da instituição e da excelência da formação que a mesma oferecera aos jovens que lá estudaram.

No momento em que tive que começar a delinear minha dissertação, a vontade de me debruçar sobre estes temas aumentava cada vez mais. A leitura de **Profissão docente**: uma rede de histórias (Lelis, 2001) trouxe até mim uma questão que considerei intrigante: eu compartilhei a insatisfação da autora quanto à construção de uma imagem (aceita de maneira bastante “natural”) desqualificadora dos professores apresentando-os como pessoas de pouca competência técnica e politicamente descompromissados. Deste modo passei a considerar interessante a ideia de tentar elaborar um “estudo de caso” no qual por meio da equação TEMPO x ESPAÇO, eu pudesse desvelar como se constrói este imaginário. Entre entrevistas, análises de fotos e outros materiais que julguei pertinentes, foi preciso “deixar de lado” elementos particularmente interessantes, mas que não se enquadravam no horizonte daquela pesquisa. Ao ingressar no Programa de Pós-graduação da PUC-Rio passei a considerar que minha tese de doutorado poderia incorporar o material citado, sendo possível tentar promover algumas reflexões que contribuíssem mesmo que de forma singela para aquele campo de estudo.

A pesquisa assinala que o estudo de uma escola de formação docente poderia contribuir para o tipo de reflexão que me propunha. António Nóvoa (1991), no artigo intitulado “Para o estudo sócio histórico da gênese e desenvolvimento da profissão docente”, entende que, ao longo da evolução histórica desta profissão, essas escolas foram fundamentais para o processo que ele nomeia de “mutação sociológica” do professorado, chegando a chamá-las de “seminários leigos”. Segundo ele:

A evolução do estatuto dos docentes primários está indissociavelmente ligada ao desenvolvimento das escolas normais. No século XIX, elas constituem o *lugar* central de produção e de reprodução do *corpo de saberes* e do sistema de normas próprio à profissão docente, e têm ação fundamental na elaboração dos **conhecimentos pedagógicos** e de uma **ideologia comum** ao conjunto dos docentes. (NÓVOA, 1991, p. 125)

Esta concepção acerca da importância que estas escolas têm no matizar da atuação dos futuros professores fez, portanto que considerasse pertinente trazer uma destas instituições para o núcleo daquela pesquisa. A escolha da Escola Normal Sarah Kubitscheck foi resultado do fato de ter constatado a quase inexistência de estudos sobre a mesma e também porque eu fora moradora da Zona Oeste carioca, local onde a mesma se encontra, e desde cedo convivera com inúmeras alusões ao passado glorioso daquela instituição.

A seguir adotei como recorte temporal os anos de 1960, período no qual se instalou no Brasil um regime autoritário e que se configurava como pertinente para subsidiar as reflexões às quais eu me propunha, na medida em que:

[...] A existência de um campo educacional definido pelos conflitos entre as forças políticas e ideológicas que disputam a hegemonia sobre o ensino nunca foi tão evidente, na história do Brasil, como no regime político instituído pelo golpe militar de 1964 (Cunha, 2005, p.58).

No primeiro mês, após quatro entrevistas, percebi que entre os muros daquela Instituição os alunos que lá estudaram naquele período pareciam ter passado ao largo a efervescência política daqueles anos. Seja no âmbito nacional ou no regional. Diante desta constação, passei a tentar esmiuçar este processo. Em suma: como se deu este processo?

Desta forma, a dissertação se reorientou, passando a buscar compreender como e por que os professorandos que frequentaram a Escola Normal Sarah Kubitscheck entre 1963 e 1965 pareciam blindados às questões política. Neste sentido elegi como minha chave de leitura, a noção de “estratégias identitárias” - consagrada por Dubar (2007). As referidas estratégias procuram trazer à tona o que o autor identifica como **transações objetivas** e **transações subjetivas**.

As primeiras são aquelas realizadas no intuito de **ajustar a identidade para si à identidade para o outro**. Já as transações subjetivas indicam a maneira pela qual o indivíduo estabelece uma interação entre as **identidades herdadas** (parte de suas identificações anteriores) e as **identidades visadas** (aquelas que ele ambiciona construir). Para Dubar (1997):

A abordagem sociológica aqui desenvolvida faz da articulação entre as duas transações a chave do processo de construção das identidades sociais. De fato, a transação subjetiva despende, com efeito, de relações com o outro que são constitutivas das transações objetivas. A relação entre identidades herdadas, aceitas ou recusadas pelos indivíduos e as identidades visadas, em continuidade ou em ruptura com as identidades precedentes,

depende dos modos de reconhecimento pelas instituições legítimas e pelos seus agentes que estão diretamente em relação com os sujeitos em causa. A construção das identidades faz-se, pois, na articulação entre os sistemas de ação que propõem identidades virtuais e as “trajetórias vividas”¹ no interior das quais se forjam as identidades “reais” a que aderem os indivíduos. [...] as configurações identitárias constituem então formas relativamente estáveis, mas sempre evolutivas de compromissos entre os resultados destas duas transações diversamente articuladas. (DUBAR, 1997, p.109)

A essa escolha acrescentei outra; pois entendi que o tipo de olhar que procurava apontar para aquela questão seria melhor compreendido por meio da chamada mesoabordagem assim definida por Antonio Nóvoa (1999) que entende:

Depois de uma perspectiva tradicional que privilegiava ora o nível micro da sala de aula, ora o nível macro do sistema educativo, emergiu uma sociologia das organizações escolares que se propõe optar por um nível *mezzo* de compreensão e de intervenção..Os processos de mudança e de inovação e educacional passam pela compreensão das instituições escolares em toda a sua complexidade técnica, científica e humana.

O presente trabalho foi orientado pela expectativa de tentar alinhar estes dois conceitos. Portanto, construí minhas análises acreditando que um conceito alimentaria o outro e juntos poderiam permitir que o olhar sobre a história da escola Sarah Kubitscheck se tornasse mais profundo.

Um olhar que se deposita, em grande parte, em uma questão: tanto nas entrevistas realizadas para a dissertação, quanto nas mais recentes ou até mesmo em obras de peso como o dicionário político da FGV², parece preponderar a ideia de que o Instituto de Educação Sarah Kubitscheck existe desde a década de 1950. Meus primeiros entrevistados tinham orgulho de terem estudado “no Sarah”, “o Sarah” marcou gerações de alunos da região, em Campo Grande - bairro dividido pela linha férrea - existe o “lado do Sarah” e o lado do calçadão, mesmo que este último tenha abrigado a Escola Normal Sarah Kubitscheck por 13 anos.

Assim, no trabalho em tela usando, os referenciais acima indicados, tento percorrer outro processo de construção identitária. Se na dissertação de mestrado a

¹ A noção de trajetória vivida designa a forma como os indivíduos reconstróem subjetivamente os acontecimentos da sua biografia social que julgam significativos. (N. A.)

² O verbete deste dicionário dedicado ao ex-deputado Miécimo Da Silva traz entre outras informações: “Muito ligado às questões da Zona Oeste, sobretudo aos problemas da educação, em 1957 foi autor da lei que criou o Instituto de Educação Sarah Kubitscheck, que começaria a funcionar no bairro de Campo Grande em 1959” (p.1224).

mesoabordagem ancorou minha tentativa de compreender como a Instituição marcou os alunos agora-dentro de um recorte temporal mais amplo – busco entender como a sinergia entre as especificidades do contexto político/social da região matizou a história “do Sarah” acreditando poder ser possível identificar alguns aspectos do processo de elaboração da identidade social da própria Instituição.

1.2 UMA METICULOSA TECITURA³

Os mergulhos feitos pelos pesquisadores no interior das instituições e suas tentativas de montar o quebra-cabeça que se lhes apresentam, em geral para serem bem sucedidos, exigem que ele busque ar para não se afogar em águas turvas. Nenhuma instituição manifesta sua identidade plena apenas no interior dos seus muros, por isso é fundamental olhar para o seu entorno. Um entorno que se inicia bem junto a ela, mas que pode ser uma caminhada para uma dimensão cada vez mais macro. (p.77/78)

A epígrafe acima foi retirada do texto “História das Instituições escolares” (Sanfelice, 2007) e integra a obra “Instituições escolares no Brasil, conceito e reconstrução histórica”, organizada por Dermerval Saviani. Trata-se de um livro particularmente abrangente quanto à sua proposta e conteúdo, apresentando discussões de fôlego acerca da temática proposta. Após a sua leitura senti que as considerações de Sanfelice seriam capazes de nortear alguns dos caminhos que foram percorridos na elaboração desta tese.

O autor faz analogia entre as pesquisas encetadas no interior das instituições e a resolução de um quebra-cabeças, um que seja formado de minúsculas peças que pouco a pouco reconstituem uma imagem. Cabe ao pesquisador buscar compreender o jogo das peças: seus respectivos lugares e seus encaixes, uma vez que a análise desse quebra-cabeça contribui para a compreensão do papel de cada peça individual e a sua articulação com o todo.

Trata-se de entender uma instituição escolar, composta de diferentes instâncias que, apesar de suas particularidades, reagem entre si e se acomodam. “É importante também que se leve em conta que, se por um lado, uma instituição é

³ <http://www.abralic.org.br/anais-artigos/?id=612> – Último acesso 04/11/2014.

constituída pela síntese de múltiplas determinações, por outro, cada uma dessas instituições responde a essas determinações de uma forma particular, constituindo, assim, sua própria identidade”. (Toledo & Gula, 2008)⁴ ou nas palavras de Justino Magalhães:

E meticulosa tessitura é esta, a de historiar uma instituição educativa na sua complexidade, definindo- lhe um quadro espaciotemporal, reconhecendo-lhe uma ação sociocultural, material simbólica, organizacional, antropológica, descobrindo lhe, pois, um sentido. [...] não há histórias sem sentido [...] é preciso considerar os acontecimentos, ligá-los, descobrir os nexos, mesmo os menos visíveis”. [Magalhães, 2004, p169] (*apud* Sanfelice 2007, p.79)

Sob esta inspiração neste momento o presente texto se dedicará a percorrer o Histórico do IESK procurando alinhar os acontecimentos associados à sua criação e seu desenvolvimento aos dispositivos legais que orientaram estes processos. Seja no âmbito da legislação educacional brasileira seja nas leis e decretos especificamente aplicados ao IESK. Faria Filho (1998) faz uma interessante reflexão sobre a lei como prática social, ele enfatiza que ao lidar com a legislação o pesquisador deve estar cômico de que existem dois momentos fundamentais: aquele no qual é produzida e o outro quando se observa a realização da mesma.

O autor prossegue lembrando que a produção da legislação escolar já é na verdade a realização de outras leis, além disso, Faria Filho apregoa a importância de um aspecto que “está no âmago desta análise: a lei como prática ordenadora e instituidora, voltada para as relações sociais [...] a legislação em seus diversos momentos e movimentos, lugar de expressão e construção de conflitos e lutas sociais”. Tais considerações visam indicar que nestas delicadas equações uma pesquisa pode forjar um olhar mais refinado sobre sujeitos, instituições e mesmo práticas sociais diferenciadas.

1.3 TRAMA E URDIDURA

No exílio de sua odisséia da espera, Penélope e seu fio representam o ato da escrita – sempre complexo, marcado de ambiguidades, de imagens múltiplas que se fazem e desfazem, se criam e recriam.

⁴ http://www.histedbr.fe.unicamp.br/revista/edicoes/29/res01_29.pdf - último acesso 01/10/2014

Nesta seção mantendo uma metáfora já cara a este texto agrego ao mesmo tempo dois termos muito comuns na tecelagem artesanal e que me parecem bastante adequados ao tipo de olhar que este trabalho, desde seu início, busca explicitar: são eles, a trama e a urdidura. Logo, acredito que tanto no ato de tecer quanto de escrever essas duas estruturas são essenciais. A urdidura é o conjunto de fios do mesmo tamanho, posicionados longitudinalmente ao longo do tear. Já trama é constituída pelas linhas dispostas transversalmente que transitam com liberdade por entre os fios da urdidura através de uma agulha, formando o tecido ou o texto. A urdidura fica numa posição fixa como base para que se estabeleça a criatividade da trama que delinea no horizonte. Assim creio que no mundo das formas - e da escrita - quando há convergência entre a uma e outra as possibilidades são infindáveis. A trama é o fio que corre por cima e por baixo, sempre entre o conjunto de fios de urdidura percorrendo as mais variadas posições para formar o tecido ou, neste caso, um texto.

A partir de um documento oficial da Secretaria de Estado de Educação e Cultura (Anexo 1), tenho a pretensão de que ao me debruçar sobre sua trama e urdidura - de maneira um tanto literal - possa compreender por meio dos 5 (cinco) momentos que elegi não apenas a história “do Sarah”, mas principalmente o processo de construção de sua identidade e memória.

A estrutura deste estudo se desenvolveu em torno de 3 (três) capítulos.

No primeiro deles busco não apenas indicar acontecimentos ligados à criação da Escola Normal Sarah Kubitschek (ENSK), mas relacioná-los entre si, sem deixar de lado matizes da história profissão docente e da própria região na qual a instituição se encontra.

No segundo capítulo me reporto mais uma vez à criação da ENSK, assumindo a ideia de que sua transferência para a primeira sede própria contribui de maneira significativa não apenas para aumentar a visibilidade da mesma e a forja de uma identidade, uma “tradição” já materializada na concorrida seleção para ingresso e nas suas primeiras cerimônias próprias.

No capítulo subsequente o foco são os anos de 1970, seja num âmbito mais amplo - atentando para as mudanças da legislação da educação brasileira - seja na inauguração do “pomposo” prédio onde ainda se encontra a ENSK, tecendo algumas considerações acerca de questões políticas locais e nacionais que tal inauguração parece ter contemplado.

Nas considerações finais, deste estudo procuro evidenciar que ao me debruçar sobre os 21 anos que constituíram o recorte temporal do mesmo, longe de entendê-los como a trajetória de **uma** instituição escolar, entendo ter buscado percorrer um processo que articulando história das instituições escolares, memória coletiva, política e identidade social, permitiu que a Escola Normal Sarah Kubitschek, o Colégio Estadual Sarah Kubitschek, o Instituto de Educação de Campo Grande e o Instituto de Educação Sarah Kubitschek tivessem suas trajetórias unificadas e percebidas, principalmente na zona Oeste Carioca, como a história “do” Sarah.